

O conhecimento da Verdade

Autor: Sávio Laet de Barros Campos Bacharel-
Licenciado em Filosofia Pela Universidade
Federal de Mato Grosso.

1. *Conhecimento e Filosofia*

Desejamos, por natureza, conhecer.¹ Com efeito, tão intenso é o fascínio que o conhecimento exerce sobre nós, que “(...) tanto mais alguém sabe, tanto mais o desejo de saber se manifesta (...)”². E é por isso que as chamadas *ciências especulativas* são queridas por si mesmas. Sem embargo, são amadas por si mesmas, porquanto buscam também um fim imanente a elas: o saber pelo próprio saber.³

Nada mais embaraçador e ao mesmo tempo excitante ao gênio humano do que quando se encontra ante um acontecimento que não sabe explicar, ante uma coisa que simplesmente desconhece. De fato, no fundo todos nós nos sentimos imensamente constrangidos e ao mesmo tempo atraídos por uma questão a que não sabemos responder de forma adequada.

Mas o que significa este *conhecer* ao qual todos tendemos naturalmente? Ora, o conhecimento consiste num trânsito: da coisa conhecida (*res cognitum*) para o sujeito (*subjectum*) que conhece. Destarte, o conhecimento consiste num ato transeunte no qual a coisa conhecida passar a existir naquele que conhece: “O conhecimento consiste em que o conhecido está naquele que conhece (...)”⁴. Daí que todo conhecimento seja uma espécie de assimilação (*assimilationem*), que consiste em o cognoscente assimilar-se à coisa conhecida⁵;

¹ TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à Metafísica de Aristóteles**. I, I, 1. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>>. Acesso em: 09/03/2007: “Existe naturalmente em todo homem o desejo de conhecer.”

² TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. III, XXV, 12 (2067).

³ *Idem. Ibidem*. III, XXV, 7 (2063): “Ao contrário, as ciências especulativas são amáveis por si mesmas, porque o fim delas é o próprio saber.”

⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et. al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 16, 1, C.

⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 1, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 149: “Pois todo conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida, de modo que a assimilação diz-se causa do conhecimento (...)”.

para a alma que conhece, é uma dilatação enriquecedora, pois passa a abrigar em si, intencionalmente, o próprio ser da coisa conhecida.

Desta feita, o conhecimento é sempre uma abertura, uma abertura para o outro: é um expandir-se ou distender-se da alma. Donde, dizer que desejamos naturalmente conhecer equivale a dizer que a nossa alma é uma abertura para o outro e, por ser capaz de receber a forma das coisas, está apta a se tornar todas elas: “Por essa razão se diz no tratado Sobre a alma: ‘A alma é, de certo modo, tudo’ (...)”⁶. Ora bem, se a filosofia é a busca da totalidade⁷, e a nossa alma é por natureza aberta, então, posto que somos universais por natureza, somos, também por natureza, aptos à filosofia.

Agora bem, conforme ressaltávamos acima, “(...) tanto mais alguém sabe, tanto mais o desejo de saber se manifesta (...)”⁸. Desta sorte, “É de tal força esse nosso desejo de conhecer, que tão logo conhecemos o efeito queremos conhecer a causa (...)”⁹. Daí que o conhecimento humano é um conhecimento que naturalmente tende a conhecer a causa das coisas, segundo afirma Tomás: “(...) há em todos os homens o desejo natural de conhecer as causas das coisas que se vêem”¹⁰. De sorte que esta inquirição da razão não cessa e nem se aquieta até que o homem atinja a causa primeira.¹¹ De resto, como o objeto próprio da inteligência é a quiddidade da coisa¹², esta inquirição pela causa primeira não cessará enquanto não alcançar o conhecimento da essência da causa primeira.¹³

Portanto, o homem, por sua própria natureza, busca o conhecimento de todas as coisas pelo conhecimento de suas causas. E só repousará quando lograr o conhecimento da essência da causa primeira de todas elas. Ora, Tomás ressalta que é precisamente esta admiração (*admirationem*) do homem que, ao conhecer as coisas, inclina-se naturalmente à inquirição da causa delas, que fez com que ele começasse a filosofar: “Donde, devido à admiração das

⁶ *Idem. Ibidem.* I, 16, 3, C.

⁷ REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã.** 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004. p. 11: “A filosofia, portanto, propõe-se como objeto a *totalidade da realidade e do ser.*”

⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** III, XXV, 7 (2063): “Ao contrário, as ciências especulativas são amáveis por si mesmas, porque o fim delas é o próprio saber.”

⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Compêndio de Teologia.** 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. I, CIV, 4. *Idem. Suma Contra os Gentios.* III, XXV, 11 (2066): “(...) sendo conhecido qualquer efeito, naturalmente deseja o homem conhecer-lhe a causa.” *Idem. Suma Teológica.* I-II, 3, 8, C: “Por isso, naturalmente permanece no homem, ao conhecer o efeito, o desejo de saber que este efeito tem uma causa e de saber o que é a causa.”

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** III, XXV, 10 (2065).

¹¹ *Idem. Ibidem:* “E ainda, a inquirição não pára até que se chegue à primeira causa.”

¹² *Idem. Suma Teológica.* I, 85, 6, C: “O objeto próprio do intelecto é a quiddidade.” *Idem. Ibidem* I-II, 3, 8, C: “(...) o objeto do intelecto é *aquilo que é*, ou seja, a essência da coisa.”

¹³ *Idem. Compêndio de Teologia.* I, CIV, 4: “Por conseguinte, o desejo natural de conhecer não pode estar em nós satisfeito senão quando conhecermos a primeira causa, não de qualquer modo, mas na sua essência.”

coisas conhecidas, cujas causas estão ocultas, os homens começaram a filosofar (...)”¹⁴. Por conseguinte, a filosofia é um corolário espontâneo da própria natureza humana e se define como sendo: “o conhecimento científico das coisas pelas primeiras causas, na medida em que estas se referem à ordem natural”¹⁵.

2. *Conhecimento e Verdade*

2.1. *Pensamento e verdade*

De modo que, como acima já se deixou insinuar, não é qualquer coisa que desejamos conhecer, ou melhor, não desejamos conhecer todas as coisas de qualquer maneira. O que buscamos é a verdade. Tal como é natural ao homem o desejo do conhecimento, é igualmente natural a ele também querer conhecer a verdade.¹⁶ De fato, nada há de mais irritante para um espírito bem formado do que se dar conta de que foi ou está sendo enganado. Neste sentido, diz Tomás: “Como todos os homens, por natureza, desejam saber a verdade, também neles é natural o desejo de fugir dos erros e de os refutar quando têm essa faculdade”¹⁷.

Mas, o que é a verdade?¹⁸ É a pergunta de Pilatos a que Tomás responde com uma definição concisa: é a adequação do intelecto à coisa ou ainda: *veritas est adaequatio intellectus et rei*.¹⁹ Ora, é mister compreender no que concerne exatamente esta conformidade (*conformitatem*) ou adequação (*adaequatio*). Para tanto, temos que levar em conta que o

¹⁴ *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, XXV, 10 (2065).

¹⁵ MARITAIN, Jacques. *Elementos de Filosofia 1: Introdução Geral à Filosofia*. 18ª ed. Trad. Ilza Das Neves e Heloísa de Oliveira Penteadó. Rev. Irineu Da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Agir, 1994. p. 71.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Compêndio de Teologia*. II, I, 2: “(...) o homem naturalmente deseja saber a verdade.”

¹⁷ TOMÁS DE AQUINO. *A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas*. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999. I, 1. *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, LXI, 7 (513): “Além disso, *como o verdadeiro é o bem do intelecto, o falso é o seu mal*, segundo o Filósofo (VI Ética 2, 1139a; Cmt 2, 1130), pois naturalmente desejamos conhecer o verdadeiro, e fugimos de ser enganados pelo falso.”

¹⁸ “Quid est veritas?” (Jo 18, 38).

¹⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 16, 2, C: “Eis por que se define a verdade pela conformidade do intelecto e da coisa.” *Idem. Questões Disputadas Sobre a Verdade*. I, 1, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. *Verdade e Conhecimento*. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 149: “(...) esta concordância diz-se adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro.”

nosso intelecto possui três operações básicas: a *simples apreensão*, o *juízo* e o *raciocínio*. Para atender ao nosso interesse, bastar-nos-á distinguir as duas primeiras.

Na primeira operação, o nosso intelecto, antes de tudo, sofre a ação de uma realidade exterior, que acaba desencadeando nele uma operação oriunda da sua própria natureza intelectual e que ocorre de forma não consciente e não reflexa. Tal operação consiste na simples e imediata apreensão da essência indivisível da coisa. De modo que não se trata ainda de uma atividade própria de um espírito livre.²⁰

Na segunda operação, acontece algo diverso. Nela o intelecto age por si mesmo; acresce à espécie inteligível, que abstraiu da espécie sensível, que está na imaginação e que é oriunda de uma realidade exterior, algo verdadeiramente novo, a saber, uma afirmação que não existe no objeto (*objectum*), mas somente nele, isto é, no intelecto (*intellectus*). Com efeito, se até então não havia propriamente adequação, nem se poderia, por conseguinte, falar estritamente em verdade, porquanto não havia duas realidades a se relacionarem, senão uma, qual seja, o intelecto que havia assimilado a si a essência da própria coisa²¹, agora passam a existir duas realidades formalmente distintas: a espécie assimilada da coisa e a afirmação feita pelo intelecto.²²

Sem embargo, quando ocorre o juízo, é como se o intelecto, não contente em apenas apreender a essência da coisa, resolvesse, por assim dizer, pronunciar-se, à guisa de julgamento, a respeito dela e assim adiciona a ela algo novo. De forma que é só a partir de então que se pode falar com exatidão *em adequação do intelecto à coisa*. É somente então que se pode perguntar com razão: este novo dado agregado pelo intelecto conforma-se ou não com o objeto de seu conhecimento?²³ De fato, é apenas quando ocorre o juízo que estamos

²⁰ GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951. p. 328: “Esta apreensão simples e direta da realidade pelo intelecto não supõe, portanto, de sua parte, nenhuma atividade consciente e reflexiva; é a operação de um ser que obra segundo sua natureza e sob a ação de uma realidade exterior, antes que uma atividade livre de um espírito que domina dita realidade e a enriquece.” (A tradução, para o português, é nossa).

²¹ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 3, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 169: “Mas o intelecto que forma a quiddidade das coisas tem somente a semelhança das coisas existentes fora da alma, como também o sentido enquanto recebe a espécie sensível.” Há, pois, entre a espécie expressa inteligível (*conceptus*) e o intelecto (*intellectus*) que a expressa, total identidade: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. II, LIX, 11 (1365): “Além disso, o intelecto em ato e o inteligível em ato são a mesma coisa (...).”

²² TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 3, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 167 e 169: “A noção de verdadeiro consiste na adequação da coisa e do intelecto, mas nada tem adequação a si mesmo, pois a igualdade é própria das coisas distintas; daí que a noção de verdade no intelecto encontra-se tão logo o intelecto comece a ter algo próprio que a coisa fora da alma não tem, mas que lhe corresponde, de modo que entre as duas coisas possa aplicar-se a adequação.”

autorizados a falar de uma relação. E esta é constituída: pela coisa conhecida e por um juízo do intelecto a respeito dela.

Doravante, se houver concordância nesta relação, a saber, entre a razão que julga e a realidade afirmada, então, e só então, haverá propriamente uma verdade apreendida para o espírito humano. Se não houver, haverá falsidade.²⁴ De maneira que, conquanto já no conceito haja ocorrido implicitamente a concordância fundamental entre o intelecto e o objeto conhecido, para que esta conformidade seja possuída pelo espírito humano, urge haver esta nova atividade: o juízo. Deveras, a verdade está no juízo. Nele é que se torna explícito aquilo que ocorre no conceito, a saber, a *conformidade do intelecto à coisa*. Assim, como diz o Prof. Lauand: “(...) o conhecimento humano não tem apenas o poder de ser verdadeiro, mas ainda o de reconhecimento da verdade”²⁵.

Ora bem, se um dos significados de *ratio é cálculo*, e se o *juízo* é o lugar onde ocorre a *composição* e a *divisão dos conceitos*, então, para um *intelecto racional*, será sempre no *juízo* que se encontrará a verdade. Arremata Tomás: “Por essa razão, para falar com propriedade, a verdade está no intelecto que compõe e que divide, não nos sentidos, tampouco no intelecto que conhece a essência”²⁶. Por conseguinte, no processo do conhecimento humano, a verdade está, antes de qualquer coisa, no *pensamento* e não na *coisa*.²⁷ Neste sentido, são os pensamentos que são verdadeiros e não as coisas.²⁸

²³ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 3, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 169: “Mas, quando começa a julgar a coisa apreendida, então este juízo do intelecto é algo próprio dele que não se encontra fora na coisa; mas, quando se estabelece adequação ao que está fora na coisa, o juízo diz-se verdadeiro (...)”.

²⁴ GILSON. *Op. Cit.* p. 329: “A verdade não é outra coisa que o acordo entre a razão que julga e a realidade afirmada pelo juízo; o erro se reduz, pelo contrário, no seu desacordo.” (A tradução, para o português, é nossa). TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 10, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 259: “Como a verdade consiste na adequação da coisa e do intelecto, assim consiste a falsidade na sua inadequação (*inaequalitate*).” (O parêntese é nosso).

²⁵ LAUAND, Luiz Jean. Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral (e à questão “Sobre o verbo). In: *Verdade e Conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 30 e 31.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 16, 2, C.

²⁷ *Idem*. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 2, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 161: “Ora, uma coisa só se diz verdadeira enquanto é adequada ao intelecto, pelo que o verdadeiro encontra-se nas coisas posteriormente, primariamente pois no intelecto.”

²⁸ GILSON. *Op. Cit.* p. 329: “Tomada em si mesma, a noção de verdade se aplica diretamente, não às coisas, senão ao conhecimento que delas tem o pensamento. Já dissemos que só há verdade ou erro possíveis ali onde há juízo. Agora bem, o juízo é uma operação da razão que associa e desassocia os conceitos. Portanto, no pensamento é onde reside a verdade propriamente dita. Em outros termos, os pensamentos são verdadeiros, e não as coisas.” (A tradução, para o português, é nossa).

2.2. Verdade e realidade

Mas, se buscamos conhecer todas as coisas, não as buscamos conhecer de qualquer modo, queremos conhecê-las naquilo que elas realmente *são*. Desta forma, não se pode reduzir o conhecimento da *verdade* a algo meramente *imane*nte, quero dizer, “intra-mental”. De fato, a verdade é, antes de tudo, uma *propriedade transcendental* do *ser*, isto é, ela é o mesmo *ser* enquanto este se *conforma* com um *intelecto*: “(...) assim também o verdadeiro acrescenta ao ser uma relação com o intelecto”²⁹.

Na verdade, o ser não é estranho ao intelecto. Bem ao contrário, ambos estão estreitamente interligados, pois, como diz Tomás: “(...) na medida em que uma coisa participa do ser, nessa mesma medida ela é cognoscível”³⁰. Sem embargo, o *quid est* da coisa (*res*), ou seja, a sua quiddidade (*quidditas*) é o objeto próprio (*objectum proprium*) do intelecto (*intelectus*).³¹ Desta maneira, o intelecto encontra-se em *potência* para a essência (*essentia*) da coisa.

Agora bem, o próprio Tomás acresce que o *bem* e a *perfeição* do *intelecto* estão no *conhecimento da verdade*. Ora, *conhecer a verdade* equivale a conhecer o próprio *ser das coisas* enquanto este se encontra *adequado* ao *intelecto*. Logo, é neste sentido, qual seja, quando ocorre a *adequação do intelecto à coisa*, que se diz que: “A perfeição do intelecto é o verdadeiro enquanto conhecido”³². Ora bem, “(...) algo é dito perfeito enquanto está em ato”³³. Deste modo, o intelecto só se encontra plenamente atualizado e aperfeiçoado no ato pelo qual se sabe conformado com o ser da coisa apreendida, vale dizer, o juízo. Diz Tomás: “(...) o bem de qualquer coisa consiste em sua perfeita operação, e a atividade do intelecto só é verdadeira quando conhece o verdadeiro, e nisto consiste o seu bem enquanto tal”³⁴.

²⁹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 16, 3, C.

³⁰ *Idem. Ibidem.*

³¹ *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, XLI, 2 (2182c): “Com efeito, o intelecto tende por natureza a conhecer a quiddidade, enquanto quiddidade, pois seu objeto próprio é o que a coisa é” *Idem. Suma Teológica*. II-II, 8, 1, C: “O objeto da inteligência, como diz Aristóteles, é ‘o que cada coisa é.’” TOMÁS DE AQUINO. *Questões Disputadas Sobre a Verdade*. I, 12, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. *Verdade e Conhecimento*. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 279: “Ora, a quiddidade da coisa é o objeto próprio do intelecto (...)”.

³² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, 16, 2, C. *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, I, 3 (4): “(...) o bem do intelecto, que é a verdade.” *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, XXV, 8 (2064): “Ora, o fim e o bem do intelecto é a verdade.”

³³ *Idem. Suma Teológica*. I, 4, 1, C.

³⁴ TOMÁS DE AQUINO. *Questões Disputadas Sobre a Verdade*. I, 8, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. *Verdade e Conhecimento*. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 245.

Portanto, se buscarmos o fundamento da verdade iremos encontrá-lo nas coisas antes que no pensamento, pois um juízo só passa a ser verdadeiro se houver correspondência entre a *afirmação feita* e a *coisa que existe*. Ademais, em se tratando de um *juízo de existência*, este só será verdadeiro se aquilo do qual afirmo a existência *existir* de fato. Donde Tomás poder dizer que: “(...) o verdadeiro que está no intelecto é convertível com o ente, como o que manifesta é convertível com o que é manifestado”³⁵. Acentua Gilson:

Pelo contrário, se se contempla a relação do pensamento com as coisas desde o ponto de vista de seu fundamento, há que se dizer que a verdade se acha nas coisas, antes que no pensamento. Digo que Pedro existe; se este juízo de existência é verdadeiro, é porque efetivamente Pedro existe. Digo que Pedro é um animal racional; se digo a verdade, é porque Pedro é efetivamente um ser vivo dotado de razão.³⁶

2.3. Verdade e metafísica

Agora bem, isto nos leva a pensar num outro aspecto. Como poderia ser inteligível a nós, o que não fosse inteligível em si? E como pode ser inteligível em si, o que não foi pensado? O que é isto, enfim, que, sendo cognoscível em si, torna-se cognoscível também para nós? O que é o ser, fonte de toda inteligibilidade? Com efeito, todas as coisas que nos rodeiam, exatamente por serem, são inteligíveis. Ora bem, de onde provém a inteligibilidade delas? Decerto do fato de elas serem, isto é, existirem. Entretanto, elas não existem por si (*a se*) e, por conseguinte, não podem justificar a sua própria inteligibilidade. Por outro lado, não fomos nós também que as criamos, “(...) nosso intelecto pois é mensurado e não mensurador das coisas naturais”³⁷.

Destarte, segundo dizíamos mais acima, a verdade é a conformidade do intelecto que compõe e divide com o ser da coisa. Todavia, agora temos que dizer que o próprio ser, não podendo vir senão de um intelecto, não é, também ele, mais que uma certa conformidade. Contudo, esta conformidade não é mais a simples concordância com um Intelecto que

³⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 16, 3, ad 1.

³⁶ GILSON. *Op. Cit.* p. 329. (A tradução, para o português, é nossa).

³⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 2, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 163.

simplesmente o conhece, mas sim com um intelecto que o cria e conserva no ser, vale dizer, com o intelecto divino.³⁸ Salienta Gilson:

Convém recordar aqui que os objetos de conhecimento não são seres, senão porque Deus os cria e conserva como atos de existir. A metafísica rege à noética, como rege a todo o resto da filosofia.³⁹

E é, pois, à medida que as coisas se conformam com este intelecto divino, que elas são. Por conseguinte, a definição de verdade aqui se inverte: não é mais a adequação do intelecto à coisa, mas sim as coisas é que são verdadeiras na medida em que se conformam com o intelecto divino: “A verdade das coisas, por sua vez, está em sua conformidade ao princípio dela, a saber, o intelecto divino”⁴⁰.

Desta feita, se a possibilidade de toda verdade para o homem é, pois, a inteligibilidade da coisa que, por sua vez, é condicionada pela sua semelhança com o intelecto divino, “Conclui-se, assim, que embora existam muitas essências ou formas das coisas, no entanto, a verdade do intelecto divino é única, e por ela todas as coisas são denominadas verdadeiras”⁴¹. Agora bem, “(...) a verdade do intelecto divino é o próprio Deus (...)”⁴². Logo, o ser das coisas, sendo certa conformidade com o intelecto divino, é também certa semelhança com o próprio Deus. Donde, ao passar a existir em nós *intencionalmente*, enquanto o nosso intelecto conforma-se com ele, torna-nos semelhantes ao intelecto divino, que é o próprio Deus.

Além disso, a verdade não é só o bem e o fim do intelecto humano, mas de todo o universo, já que é na medida em que as coisas sejam verdadeiras, isto é, que se conformem com o intelecto divino, que elas passam a *ser*, ou seja, a existir. Assim temos nesta *verdade ontológica* o fim último de todo o *cosmos*, que é o assemelhar-se a Deus: “Convém, pois, que o fim último do universo seja o bem do intelecto, que é a verdade. Donde ser a verdade o fim último de todo o universo”⁴³. Ora, a ciência que estuda esta verdade primeira, que é o próprio Deus, e a conformidade das coisas com ela, chama-se metafísica ou filosofia primeira. Aliás,

³⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 4, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 181: “A verdade pois que se diz das coisas em comparação com o intelecto humano é de certo modo accidental às próprias coisas: supondo que o intelecto humano não existisse, as coisas permaneceriam em sua essência; entretanto, a verdade que delas se diz em comparação com o intelecto divino acompanha-as inseparavelmente, posto que estas só podem existir pelo intelecto divino que as produz no ser.

³⁹ GILSON. *Op. Cit.* p. 330. (A tradução, para o português, é nossa).

⁴⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 16, 5, ad 2.

⁴¹ *Idem. Ibidem*. I, 16, 6, C.

⁴² *Idem. Ibidem*. I, 16, 7, C.

⁴³ *Idem. Suma Contra os Gentios*. I, I, 3 (4a).

é por isso que ela é chamada, por antonomásia, de *ciência da verdade* (*scientiam veritas*). Não, decerto, de qualquer verdade, mas sim daquela *verdade primeira*, que é origem e causa de toda verdade.⁴⁴

3. Corolários existenciais

Ora bem, estas três inclinações – conhecer, conhecer bem (conhecer a verdade) e conhecer todas as coisas – podem, porém, degenerar-se. De fato, muitas vezes pensamos que nos tornamos universais, pura e simplesmente, quando viajamos o mundo inteiro, quando conhecemos outros países ou quando aprendemos novas línguas. Todas estas experiências são, sem dúvida nenhuma, ricas e construtivas, mas nem de longe bastam para nos tornar universais.

O que realmente nos liga ao ser, o que realmente é abertura em nós, é o nosso intelecto. Portanto, apenas a vida no espírito coloca-nos em condições de travar relações com tudo o que é (*omni ente*). A alma humana, diz Tomás, é potência para o universal, é um princípio de universalidade em nós. De fato, como já salientamos, a alma é capaz de tornar-se todas as coisas (*anima este quodammodo omnia*).⁴⁵ É por isso, inclusive, que, segundo a penetrante observação de um grande tomasiano, o pensamento de Tomás não se pode encerrar em nenhum “ismo”! Tomás de Aquino é, pois, muito maior do que qualquer *tomismo*.⁴⁶

Agora bem, isto nos permite tirar alguns corolários. De fato, não são realmente as viagens, nem as distâncias que percorremos no espaço e no tempo que nos tornam, por assim

⁴⁴ *Idem. Ibidem.* I, I, 3 (4b): “Esclarece também o Filósofo que a Filosofia Primeira é a *ciência da verdade*. Não porém de qualquer verdade, mas daquela verdade que é a origem de toda verdade, isto é, a que pertence ao primeiro princípio do ser e de todas as coisas.”

⁴⁵ *Idem. Questões Disputadas Sobre a Verdade.* I, 1, C. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 147: “(...) e é precisamente a alma, a qual ‘de certo modo é todas as coisas’ (...)”.

⁴⁶ LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento – Um Estudo Introdutório Geral (e à Questão “Sobre o Verbo”)**. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 4: “Além do mais, o pensamento de Tomás é o que há de mais oposto a um sistema fechado, completo e acabado. Ainda que, diga-se de passagem, a tendência ao fechamento da ‘doutrina’ (enunciada em umas tantas ‘teses’) num bloco não esteja ausente das obras de alguns de seus seguidores (daí a problematidade de um ‘tomismo’). Como encerrar num sistema compacto, num ‘ismo’, uma filosofia que, como veremos no tópico 4, se declara essencialmente ‘negativa’ e afirma que ‘as essências das coisas nos são desconhecidas’? (*De Veritate* 10, 1). Se uma sentença como esta nos surpreende é sinal de que estamos precisando voltar-nos mais para Tomás e menos para o ‘tomismo’...”

dizer, universais e abertos. É, pois, o cultivo da vida no espírito, o exercício do pensamento, que nos faz cidadãos do mundo. O mais simples dos homens, no mais distante dos sertões; mesmo se nunca houver tido acesso às grandes viagens ou temporadas europeias, repito, mesmo assim, pode-se tornar um sábio, contanto que tenha um espírito aberto e livre.

Não confundamos, pois, ciência e sabedoria com erudição vazia. Esta pode até colaborar, mas como é triste perceber que o mais das vezes atrapalha. Tomás, por exemplo, conquanto sempre viandante por causa do seu trabalho, nunca foi um grande viajor, nem conheceu muitas línguas. Contudo, quem duvida ter sido ele um dos maiores intelectos de todos os tempos? Seu pensamento tornou-se universalmente conhecido e reverenciado. Homens mais eruditos que ele, homens que viveram depois dele e tiveram acesso a todos os confortos e possibilidades proporcionados pela ciência moderna, foram incapazes de igualar-lhe a sabedoria.

Exemplo ainda mais eloquente é o de Cristo. Como dizia o insuspeito teólogo Von Balthazar: *Cristo foi o universal concreto!* O próprio Tomás afirma com todas as letras que Cristo é a *Sabedoria incriada encarnada*.⁴⁷ Veio ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37), e se se calou ante a pergunta de Pilatos “Quid est veritas?” (Jo 18, 38), decerto não foi porque lhe tenha negado uma resposta, senão porque lhe deu a mais profunda delas: “Eu Sou a Verdade.” (Jo 14, 6). Sim, a verdade, para ele, não era uma “palavra”, uma abstração ou uma ideia, mas uma pessoa: a sua pessoa divina. De fato, aquela verdade da qual procede toda verdade havia-se encarnado: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1, 14). E quantos fossem da verdade, haveriam de reconhecê-la nele: “Quem é da verdade escuta minha voz.” (Jo 18, 37).

Mas quem era Jesus de Nazaré? Os evangelhos não mentem: filho de carpinteiro⁴⁸, oriundo de uma cidade da qual não se esperava que pudesse vir coisa boa.⁴⁹ Homem de pé no chão, tolhido pelo sol ardente da Galiléia⁵⁰, rodeado de homens rudes⁵¹, não sendo ele mesmo mais que um interiorano. Seus conterrâneos, chocados diante da sua sabedoria, interrogam qual a sua origem, donde lhe vinha tanta sabedoria, qual a sua procedência: “De onde lhe vem

⁴⁷ O próprio Tomás afirma com todas as letras que Cristo é a *Sabedoria incriada encarnada*: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra Gentios**. I, I, 3 (4b): “Justamente para a manifestação da verdade é que a sabedoria divina encarnada (*divina Sapientia carne induta*) veio ao mundo, como bem o afirma são João: Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37).”

⁴⁸ Mc 6, 3: “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria, o irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? Não vivem aqui entre nós também suas irmãs? E ficaram perplexos a seu respeito.”

⁴⁹ Jo 1, 46: “Pode, porventura, vir coisa boa de Nazaré?”

⁵⁰ Jo 4, 6: “Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta.”

⁵¹ Seus discípulos eram pescadores (Mc 1, 16-20).

tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? (...) Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós. E estavam chocados por sua causa” (Lc 6, 2 e 3).

Ora bem, a própria Igreja que fundou, sempre viu naquele homem de pés empoeirados e de origem humilde: o Filho de Deus, a Sabedoria de Deus, o Rei da Glória, o próprio Deus. Assim se expressa o *Novo Catecismo da Igreja Católica*: “Aquele que foi crucificado na carne, Nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da Glória e um da Santíssima Trindade”⁵². Ele verdadeiramente se fez pobre, conquanto fosse rico, para enriquecer-nos com a sua pobreza! (II Co 8, 9).

Por conseguinte, ainda que seja possível ser sábio sem ser erudito, não é impossível ser erudito e não ser sábio! A grande tragédia do pensamento sofista não se deu tanto pelo fato de os sofistas cobrarem para ensinar, mas sim por haverem separado eloquência de sabedoria. Eloquência e persuasão, que sempre haviam sido meios eficazes para o convencimento da verdade, tornavam-se, desde então, instrumentos para escamotear a mesma verdade, para disfarçar a ignorância e para ganhar dinheiro.⁵³ Neste sentido, o sofisma se diferencia do paralogismo, como o erro involuntário se distingue da desonestidade intelectual.⁵⁴ Quem comete um paralogismo, geralmente é um ignorante; quem se vale de um sofisma – erro lógico produzido com a intenção de enganar o interlocutor – é verdadeiramente um sofista.⁵⁵

E não nos enganemos: neste mundo que jaz sob o Maligno (I Jo 5, 19), pai da mentira (Jo 8, 44), a verdade será sempre mendiga e maltrapilha. Como quando se encarnou, continua quase sempre não sendo erudita. Mas não tenhamos vergonha dela, nem ofereçamos qualquer embargo à sua manifestação, não a tornemos prisioneira da injustiça (Rm 1, 8), só porque não

⁵² DENZINGER. #423. In: **Catecismo da Igreja Católica**. 11ª ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2001. In: **Catecismo da Igreja Católica** # 468.

⁵³ Sobre os sofistas, assevera Maritain: MARITAIN. **Elementos de Filosofia I: Introdução Geral à Filosofia**. p. 45 e 46: “O que se pode dizer como sendo mais característico em todos, é que queriam as vantagens da ciência, sem querer a verdade. (...) Não queriam a verdade. Procurando do labor da inteligência apenas o meio de demonstrar superioridade, tanto a si próprios como aos outros (...) Desta forma, de tudo o que tinha animado as grandes ambições da época precedente (período da filosofia pré- socrática), os sofistas não tinham guardado senão o orgulho científico, perdendo completamente o amor da verdade. Mas do que nunca queriam ser grandes pela ciência, não tendiam mais para aquilo que é. Acreditavam na ciência, sem crer na verdade, se assim podemos dizer.”

⁵⁴ GARDEIL, H. D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasasuino.htm>>. Acesso em: 3/07/2005 : “De maneira geral, chamar-se-á sofisma a um falso raciocínio que se fizer com a intenção de enganar. Quando o falso raciocínio é pôsto de boa fé, será chamado um paralogismo.”

⁵⁵ MARITAIN. **Elementos de Filosofia I: Introdução Geral à Filosofia**. p. 46: “Isto quer dizer que a ciência, nas suas mãos (nas mãos dos sofistas), se desordenava, e aquilo que em seus predecessores fora apenas falta de disciplina intelectual, neles se transformava em propósito deliberado de usar conceitos sem se preocupar com as exigências precisas e delicadas dos mesmos, mas pelo simples prazer de agitar esses conceitos uns contra os outros num jogo de aparências: daí os seus *sofismas* ou raciocínios falazes.”

agrada a todos ouvi-la. Não permitamos, finalmente, que oratórias, impostações e gesticulações boicotem-na.

Enfim, quem somos nós? Qual a nossa verdade? Oxalá possamos dizer a nós mesmos, senão com as mesmas palavras, ao menos com o mesmo espírito, o que disse o ilustre filósofo francês: “(...) sou também mendigo do céu travestido em homem do nosso século, uma espécie de agente secreto do Rei dos reis nos territórios do príncipe deste mundo”⁵⁶.

⁵⁶ *Idem. Ricordi e Appunti.* In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos.** São Paulo: PAULUS, 1999. p. 42.

Adendo I: A diaconia da verdade⁵⁷

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. *A inteligência só repousa na verdade*

Leonel Franca afirma que a inteligência, quando de posse da verdade, repousa nela como o movente que finalmente alcançou o seu lugar natural.⁵⁸ De fato, quando uma demonstração apodítica nos coloca ante a evidência da verdade de uma dada proposição, ocorre entre a inteligência e a verdade conhecida uma ligação necessária e indestrutível.⁵⁹

1.1. *Dúvida e dificuldade*

Entretanto, a debilidade do nosso intelecto, que não nos permite ter sempre em mãos a totalidade dos nossos conhecimentos e os nexos intrínsecos que nos levaram a aderir à verdade de uma determinada proposição, pode nos colocar diante de inúmeras dificuldades que, se não forem devidamente desfeitas, transformar-se-ão em *dúvidas ilegítimas*.⁶⁰ Ilegítimas, porque na verdade nem dúvidas são; não procedem, sem embargo, de nenhum defeito na demonstração em si, mas apenas da limitação de uma inteligência que não consegue estar de posse, a todo tempo, da totalidade de seus próprios conhecimentos.⁶¹

⁵⁷ O título, *Diaconia da Verdade*, ocorreu-nos a partir da leitura de um artigo de Jacques Maritain, *Grandeza e Miséria da Metafísica*. Nele, o eminente filósofo francês cunha a sugestiva e instigante máxima: MARITAIN, Jacques. **Grandeza e Miséria da Metafísica**. Disponível em: <<http://revista.permanencia.org.br/>>. Acesso em: 29/01/2005: “Temos necessidade, pois, não de verdades que nos sirvam, mas de uma verdade a que sirvamos.”

⁵⁸ FRANCA, Leonel. **Por Que Existem Homens que Não Crêem em Deus**. São Paulo: Mundo Cultural, 1979. p. 21: “A inteligência assim determinada, descansa como o móvel que atingiu o termo natural de seu movimento.”

⁵⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 45. Quando se *demonstrou* uma proposição, o argumento categórico ou apodítico, que lhe constitui a prova, estabelece entre a inteligência e a verdade uma ligação *necessária e indestrutível*.

⁶⁰ *Idem. Op. Cit.* p. 44 e 45: “Ao lado da demonstração que convence, as dificuldades que incomodam. Ora, basta que se haja levantado contra a verdade uma objeção para que o espírito se possa nela fixar, transformando em dúvida o que não passava de dificuldade. Uma dificuldade, notemo-lo bem, não é destruição de uma certeza, é apenas uma ignorância a vencer.”

Com efeito, diante da certeza conquistada mediante uma demonstração corretamente desenvolvida e apreendida, decerto que podem surgir inúmeras *dificuldades*, *objeções* sem conta, mas nenhuma delas, contanto que sejam combatidas com as armas certas, poderão constituir sequer uma *dúvida*.⁶²

Sem embargo, uma coisa é não conseguir solucionar um problema por falta de um recurso adequado para tanto, outra, completamente diferente, é um *problema sem solução*. Uma coisa é não saber solucionar um problema, que, no entanto, tenha uma solução, outra, bem diversa, é duvidar que o mesmo problema tenha uma solução. Finalmente, uma coisa é ter a correta solução de um problema em mãos e não saber chegar a tal solução por meio de uma demonstração, outra, bastante distinta, é duvidar que a própria solução exista e seja realmente verdadeira.⁶³

Tudo o que foi dito acima, se interpretado de forma ingênua, poderia levar-nos a um *otimismo irrefletido*. Não se pode negar que as dificuldades levantadas pelas objeções possam causar, mesmo na alma que já possua a verdade, certa *perturbação*. O que se quer afirmar é que, quando não há motivos, tal perturbação não tem razão de ser: é como nuvem passageira ou vapor inconsistente. Contudo, tal embaraço precisa ser dissipado para voltar a *claridade da visão*.⁶⁴ Donde, conquanto a dúvida seja sempre *possível*, nem sempre será *legítima*, ou seja, nem sempre terá um fundamento que a justifique.⁶⁵

2. A importância das respostas às objeções

Por conseguinte, retomar uma proposição para com isso dissipar as objeções sugeridas, ainda quando estas não sejam legítimas, nem de longe é uma experiência insossa

⁶¹ *Idem. Op. Cit.* p. 45: “As dificuldades são apenas um sintoma da nossa fraqueza intelectual ou da pobreza da nossa erudição: mostram que nem sempre sabemos conciliar, numa harmonia perfeita, a totalidade de nossos conhecimentos.”

⁶² *Idem. Op. Cit.*: “Poderão mobilizar-se exércitos de objeções; não lograrão desalojá-la da inteligência que a ele adere na confiança de uma legítima certeza.”

⁶³ NEWMAN. *Histoire de mes Opinions Religieuses*. p. 81. In: FRANCA, Leonel. **Por Que Existem Homens que Não Crêem em Deus**. São Paulo: Mundo Cultural, 1979. Nota 32: “Dez mil dificuldades não fazem uma dúvida; dificuldade e dúvida não se julgam com a mesma medida... Um homem pode ficar contrariado por não saber resolver um problema matemático cuja solução lhe é ou não lhe é dada, sem duvidar, por isso, que o problema tenha uma solução ou que tal solução seja verdadeira.”

⁶⁴ FRANCA. *Op. Cit.* p. 45. Apesar disto, não há que negar, uma objeção, real ou aparente, pode perturbar a tranqüilidade de uma certeza. É uma nuvem, um vapor inconsistente, mas importa dissipá-lo para restituir ao espírito a limpidez total de sua visão.

⁶⁵ *Idem. Op. Cit.* p. 46: “A dúvida é aqui possível, mas nem por isto legítima, permitida, racional.”

ou negativa. Donde Tomás afirmar que não há nada melhor no processo de descoberta da verdade, do que quando se tem de responder às objeções dos opositores: “Se alguém quiser escrever contra minhas soluções, ser-me-á muito agradável. De fato, não há melhor maneira de descobrir a verdade e de refutar o erro que precisar defender-se dos opositores”⁶⁶.

Na verdade, a objeção, seja qual for a sua natureza, faz-nos sempre aprofundar e explorar um aspecto da verdade ainda não visto ou percebido. Daí o Aquinate dizer ainda que não devemos amar somente aqueles com quem concordamos ou que concordam conosco, mas também aqueles que discordam de nós, pois ambos são nossos colaboradores na consecução da verdade: “(...) é preciso amar tanto aquele de quem adotamos a opinião como aquele de quem nos separamos; pois um e outro aplicaram-se à busca da verdade, e um e outro são nossos colaboradores”⁶⁷.

2.1. O valor das autoridades

Destarte, Tomás faz notar que duas são as maneiras pelas quais os nossos predecessores podem então nos ajudar na busca da verdade. A primeira e mais direta é quando recolhemos deles as parcelas de verdade que cada qual descobriu. De sorte que, quando as reunimos, temos sempre uma compreensão mais ampla da verdade e ficamos mais aptos para as novas conquistas. No entanto, há ainda uma segunda maneira pela qual os nossos antecessores colaboram conosco. Esta é mais indireta, porém, não menos real. Com efeito, é certo que mediante os erros por eles cometidos, tornamo-nos nós mesmos mais atentos para que, desta feita, mais precavidos, não caiamos nos mesmos erros. Desta sorte, passamos a ser mais diligentes na perquirição da verdade.⁶⁸

De modo que Tomás conclui, na sua obra de maturidade (*Summae Theologiae*), que o *espírito humano vai do imperfeito ao perfeito*. Assim, é natural que os antigos filósofos

⁶⁶ TOMÁS DE AQUINO. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33:

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO. **XII Metafísica, leit. 9**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33.

⁶⁸ TOMÁS DE AQUINO. **II Metafísica, leit. 1**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33: “Quem quer sondar a verdade é ajudado de duas maneiras pelos outros. Recebemos uma ajuda direta dos que já encontraram a verdade. Se cada um dos pensadores precedentes encontrou uma parcela da verdade, esses achados, reunidos num todo, são para o pesquisador que vem depois deles um meio poderoso de alcançar o conhecimento mais compreensivo da verdade. Os pensadores são também ajudados igualmente por seus predecessores, pelo fato de os erros destes fornecerem meios de descobrir a verdade por uma reflexão mais séria. Portanto, convém sermos gratos a todos os que nos ajudaram a conquistar o bem da verdade.”

tenham obtido apenas resultados parciais em suas investigações e tenham deixado ainda por percorrer um longo caminho que somente os seus sucessores poderão perfazer.⁶⁹ De forma que também podemos asseverar com Tomás, que, para o espírito humano, a própria compreensão da verdade progride com o tempo. O tempo se torna assim, para o homem, um colaborador no conhecimento da verdade: “O tempo é, de certa maneira, o inventor (isto é, o descobridor) da verdade e o bom colaborador (do pensamento humano)”⁷⁰.

De maneira que, conquanto o *objeto formal do estudo da filosofia* não seja conhecer o que os outros pensaram, mas a *verdade das coisas*, importa conhecer, sim, os *pensadores*, na medida em que, em filosofia, a *verdade é filha do tempo e, ipso facto*, não está toda dada. Devemos ter presente, então, que, assim como num tribunal, é sempre injusto declinar um juízo sem ouvir com atenção ambas as partes, assim também em filosofia será sempre arbitrário formar um juízo sem antes ponderar, minudentemente, os prós e os contras dos filósofos de antanho.⁷¹

Neste sentido, Tomás sempre procurou compreender na sua inteireza, antes de formular o seu próprio juízo, o que os autores de outrora pensaram. Deveras, não por erudição, mas sim porque buscava a única coisa que verdadeiramente lhe interessava: a verdade. Desta sorte, a generosidade com que ele cedia, em suas próprias obras, a palavra às opiniões contrárias as dele, é de per si tão notável, posto que fazia com tamanha sinceridade e franqueza, que um leitor menos avisado pode normalmente tomar como posição de Tomás o que na verdade ele expõe a modo de objeção à sua própria tese.⁷²

⁶⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I-II, 97, 1. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33: “É natural ao espírito humano chegar por degraus do imperfeito ao perfeito. Eis por que vemos nas ciências especulativas que os primeiros filósofos deixaram resultados imperfeitos que foram, depois, aperfeiçoados, por seus sucessores.”

⁷⁰ TOMÁS DE AQUINO. **I Ética, leit. 11**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 34.

⁷¹ TOMÁS DE AQUINO. **III Metafísica, leit. 1**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33: “Consultar os autores precedentes é necessário para esclarecer a questão e resolver as dúvidas. Assim como no tribunal não se pode pronunciar um juízo sem ter ouvido as razões das duas partes, assim também quem se ocupa de filosofia chegará mais facilmente a uma solução se conhecer o pensamento e as dúvidas de diversos autores.” Não se trata, evidentemente, de cair num agnosticismo que não saberia discernir as fontes e descobrir, nelas, a verdade. Destes últimos, sentencia Tomás: TOMÁS DE AQUINO. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 62: “(...) quem levanta uma questão sem resolvê-la é semelhante àquele de quem fala a Escritura, que abre um poço no deserto sem fechá-lo, expondo rebanhos e pessoas a cair nele.”

⁷² LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: vida e pensamento-estudo introdutório geral (e à questão “sobre o verbo”)**. In: **Verdade e Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.19: “Finalmente, dentre as características da *quaestio disputata* de Santo Tomás de Aquino, destaquemos a de dar voz ao adversário com toda a honestidade, formulando sem distorções, exageros ou ironia (o que, em geral, nem sempre ocorre nas polêmicas e debates de hoje), as posições contrárias às que defendem. Neste sentido, Pieper faz notar que em Santo Tomás a objetividade chega a tal ponto que o leitor menos avisado pode tomar como do Aquinate aquilo

Adendo II: Apóstolo da verdade⁷³

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

I. A verdade

Não é nossa intenção discorrer exaustivamente sobre a questão da verdade em Tomás, mas apenas mostrar o quão justa é a honra a ele concedida de ser chamado “Apóstolo da verdade”. Para tanto, basta que tenhamos presente qual seja a definição de verdade do Aquinate: *a verdade é a adequação do intelecto à coisa (adaequatio intellectus et rei)*.⁷⁴

Ora, em Tomás, se a *verdade lógica é adaequatio intellectus ad rei*, a *verdade ontológica* – pressuposto de toda *verdade lógica* – é *adaequatio intellectus divini et rei*⁷⁵. Mas, se as coisas são verdadeiras na medida em que imitam o intelecto divino⁷⁶ e se o *fim último* de toda criatura é assemelhar-se a Deus⁷⁷, então, a verdade é o fim último de todo o

que ele recolhe dos adversários a modo de objeção. A propósito, é o caso do tão celebrado Carl Prantl, que interpretou como se fosse a posição de Tomás objeções brilhantemente por ele apresentadas às suas próprias teses.”

⁷³ JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. 8º ed. São Paulo: Paulinas, 2005. IV, 2, #44: “É, pois, com razão que Santo Tomás pode ser definido ‘apóstolo da verdade’.”

⁷⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 1, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 149: “A primeira consideração quanto a ente e intelecto é pois que o ente concorde com o intelecto: esta concordância diz adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro.”

⁷⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 7, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 233: “Se pois considerarmos a verdade propriamente, então importará a igualmente do intelecto divino e da coisa (...)”.

⁷⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 8, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 243: “Como se esclareceu, nas coisas criadas a verdade encontra-se nas coisas e no intelecto. No intelecto, ao adequar-se às coisas de que tem noção; *nas coisas, porém, por imitarem o intelecto divino, que é sua medida como a arte é medida dos artefatos* (...)”. (O itálico é nosso). TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et. al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 16, 1, C: “Assim também as coisas naturais são verdadeiras na medida em que se assemelham às representações que estão na mente divina (...)”.

universo: “(...) *veritatem esse ultimum finem totius universi (...)*”⁷⁸. Donde, a filosofia, enquanto pretende ser uma ciência do universal⁷⁹, deverá ser por consequência, a *ciência da verdade* por antonomásia, mormente da verdade primeira, origem e princípio de toda verdade.⁸⁰

2. A filosofia

Ora, de fato, a filosofia tomasiana se fundamenta nesta certeza: o estudo da filosofia não consiste em saber o que os filósofos pensaram, mas no conhecimento da verdade.⁸¹ Por conseguinte, em filosofia, o que faz com que aceitemos um argumento não é quem o diz, mas se o que diz se conforma ou não com a verdade.⁸² Bem coloca Gilson:

Em contrapartida, a palavra de filósofo algum pode excluir afirmações em contrário como sendo falsas, porque a palavra de filósofo algum é verdadeira *enquanto* palavra desse filósofo. Se o que ele diz for verdade, o que exclui todos os erros contrários será o que transformar em verdade aquilo que ele diz, nomeadamente, o seu êxito na formulação correcta de um dado problema como na justiça feita relativamente a todos os dados necessários para a sua solução.⁸³

⁷⁷ *Idem. Ibidem.* I, 44, 4, C: “Assim, a bondade divina é o fim de todas as coisas.” *Idem. Suma Contra os Gentios.* III, XIX, 2 (2005): “Por isso, todas as coisas buscam assemelhar-se a Deus como seu último fim.” *Idem. Ibidem.* III, XIX, 3 (2006): “Logo, todas as coisas desejam a semelhança com Deus, como com seu fim último.” *Idem. Ibidem.* III, XIX, 4 (2007): “Logo, todas as coisas existem para conseguirem a semelhança divina, como seu fim último.” *Idem. Ibidem.* III, XIX, 4 (2008): “Logo, todas as coisas, pelos seus movimentos e operações, buscam a semelhança divina como seu fim último.”

⁷⁸ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios.* Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. I, I, 3 (4): “Donde ser a verdade o fim último de todo o universo.”

⁷⁹ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: Das Origens a Sócrates.* 4ª ed. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002. p. 28: “Quanto ao conteúdo, a filosofia quer explicar a *totalidade das coisas*, ou seja, *toda a realidade*, sem exclusão de partes ou momentos dela (...)”.

⁸⁰ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica.* I, I, 3 (5): “Esclarece também o Filósofo que a Filosofia Primeira é a *ciência da verdade*. Não porém de qualquer verdade, mas daquela verdade que é a origem de toda verdade (...)”.

⁸¹ TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao Tratado do Céu.* I, 22, 8. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. *O Boi Mudo da Sicília.* São Paulo: EDUSC, 1992. p. 50: “O Estudo da filosofia não visa saber o que os homens pensaram, mas como se apresenta a verdade das coisas.”

⁸² TOMÁS DE AQUINO. In. Trin. 2, 3, ad 8. In: LAUAND, Luiz Jean. *Tomás de Aquino: Vida e Pensamento.* In: TOMÁS DE AQUINO. *Verdade e Conhecimento.* São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 3: “Os argumentos filosóficos não são acolhidos pela autoridade de quem diz, mas pela validade do que se diz.”

⁸³ GILSON, Étienne. *Deus e a Filosofia.* Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 14 e 15.

Certa feita, ao ser interrogado por um jovem aluno – Frei João – sobre qual seria a melhor maneira de se adquirir a sabedoria pelo estudo, o Aquinate aconselha, entre outras coisas, que mister é se ater ao que é dito e não a quem o disse: “Não atentes a quem disse, mas ao que é dito com razão e isto, confia-o à memória”⁸⁴.

Destarte, para Tomás, em filosofia, demonstrar uma proposição recorrendo unicamente à autoridade, equivale a não demonstrá-la, mas apenas a opinar sobre ela.⁸⁵ É por isso também que Tomás distingue aquele debate no qual o objetivo é expor e fazer com que o ouvinte assimile a verdade, daquele outro que é promovido com a intenção de refutar um erro.

Com efeito, quando o debate visa ao ensino – diz Tomás – há de se procurar mostrar ao aluno a raiz da verdade, ou seja, o “porquê” daquilo ser verdadeiro.⁸⁶ Ora, se num contexto como este, o mestre ensinar apenas pautado em argumentos de autoridade, poderá até mesmo convencer os seus discípulos, mas de veras não lhes infundirá ciência alguma a respeito daquilo que está sendo dito.⁸⁷

3. A autoridade

Agora bem, foi precisamente este amor incondicional de Tomás à verdade que fez com que ele pudesse aproximar-se dos autores profanos e dos próprios padres da Igreja com uma liberdade soberana. Tudo e somente aquilo que é dito de verdadeiro – não importa quem o diga – vem do Espírito Santo.⁸⁸ Neste sentido, Tomás dava o seu assentimento irrestrito e

⁸⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Carta Sobre o Modo de Estudar**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**: Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 304.

⁸⁵ TOMÁS DE AQUINO. **Quodlibet**. III, 31, ad 1. In: MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 11: “Provar recorrendo a uma autoridade, não é provar demonstrativamente, mas pela fé opinar sobre uma coisa.”

⁸⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Quodlibet**. IV, a. 3, n. 18. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 32: “Quando o debate é debate de escola, ‘magistral’, não para refutar um erro, mas para instruir os ouvintes e levá-los à compreensão da verdade que se ensina: é necessário apoiar-se em razões que procuram a raiz da verdade, que fazem saber como é verdadeiro o que é dito.”

⁸⁷ TOMÁS DE AQUINO. **Quodlibet**. IV, a. 3, n. 18. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 32: “Caso contrário, se o mestre determina uma questão por autoridades nuas, o ouvinte estará, por certo, assegurado de que a coisa é assim, mas nada adquirirá de ciência e de inteligência, e voltará vazio.” TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1, 8, ad 2: “(...) o argumento de autoridade fundado sobre a razão humana é o mais fraco de todos (ab auctoritate quae fundatur super ratione humana, si infirmissimum).” (O parêntese é nosso).

inequívoco somente aquilo que foi formalmente revelado. Desta maneira, a sua adesão fiducial era dispensada apenas aos Apóstolos e Profetas, sob os auspícios da Igreja. Para ele, unicamente as autoridades canônicas, vale lembrar, que tinham o sufrágio da Igreja, eram inquestionáveis.⁸⁹

Daí que, em relação às demais autoridades, sentia-se absolutamente à vontade para acolher todos os seus contributos à verdade, mas se sentia igualmente livre para corrigi-los ou questioná-los com naturalidade, quando se lhe parecia que as suas teses não tinham outro respaldo, senão a frágil autoridade humana.⁹⁰

Ademais, é ainda o seu amor pela verdade que o levou também a um “sadio” desapego das suas próprias opiniões pessoais. De fato, do mesmo modo que não se importava tanto com que os outros pensaram também a sua própria opinião não lhe era tão cara quando se tratava da verdade a ser conhecida. É estranho a Tomás, por exemplo, expressões que a nós soam-nos tão corriqueiras: “eu penso”, “eu acho”, “eu creio”, “eu considero”, “eu me persuado”, etc. A opinião pessoal não lhe tinha peso algum, mas apenas a verdade norteava-lhe a alma.⁹¹

Destarte, uma opinião pessoal só lhe conseguia reter a atenção, se ela fosse conforme a verdade. Deste modo, Aristóteles, ou qualquer outro pensador, não é uma autoridade, e, por isso, diz a verdade, mas, ao contrário, se o que diz é verdade, então, e só então, é uma autoridade.⁹² De sorte que a autoridade é dada aos homens à medida que o que eles dizem seja

⁸⁸ TOMÁS DE AQUINO. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 33: “Tudo o que se diz de verdadeiro, quem quer que o diga, vem do Espírito Santo.” Esta sentença, retomada por Santo Tomás, remonta à Santo Ambrósio.

⁸⁹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I, 1, 8, ad 2: “É que a nossa fé repousa sobre a revelação feita aos Apóstolos e aos Profetas que escreveram os livros canônicos, e não sobre outras revelações, se é que existem, feitas a outros doutores.”

⁹⁰ MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.p. 33: “Sto. Tomás levou longe a arte de interpretar o pensamento dos “santos” (Os Padres da Igreja eram muitas vezes chamados de santos), de distinguir sua fé da filosofia ‘em que haviam sido instruídos’ (...), *de corrigi-los ‘piedosamente’, às vezes, para não ter que desmenti-los onde a autoridade deles não se mantinha.*” (O parêntese e o itálico são nossos). Aliás, o próprio Tomás sofreu uma evolução no seu pensamento e, quando era preciso, não receava rever e aperfeiçoar as suas próprias convicções: MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 12: “(...) Este esboço sumário da evolução do pensamento do Angélico parece corresponder à realidade, até porque evidencia que ele não receava refazer o próprio pensamento quando verificava que o mesmo podia ser modificado ou aperfeiçoado.”

⁹¹ SERTILLANGES. **Les Grandes Thèses de lha Philosophie Thomiste**. In: MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 14: “Santo Tomás expõe e prova; mas jamais afirma; muito menos declara. Ele diz: ‘isto é necessário’, ‘isto é impossível’, ou mesmo: ‘parece’. Mas essas fórmulas são no seu pensamento a expressão de um relacionamento com as coisas, não uma relação da verdade com ele. As locuções tão comuns entre nós: ‘eu creio, eu considero, eu me persuado’, lhe são desconhecidas; ele não dá peso algum a uma idéia pessoal.”

⁹² MARIE. *Op. Cit* p. 32: “(...) autoridade quer dizer garantia absoluta de verdade e, por isso, direito à adesão incondicional, anterior a toda compreensão.”

verdade e não o contrário: “Pouco importa o que pensou um filósofo, é a verdade, é o que é, que devemos procurar nele”⁹³.

4. *A minha doutrina não é minha*

Donde, o Aquinate desaparecer em sua própria *obra*. De fato, ao *estudarmos* o seu *pensamento*, afigura-nos que nada de puramente *seu transparece* nele. Em verdade, estamos bem longe de páginas *autobiográficas*. Entretanto, parece acontecer com Tomás o mesmo *paradoxo* que, como bem observa Agostinho, aconteceu com Cristo, quando este disse: “A minha doutrina não é minha”⁹⁴. Sem embargo, como é *possível* não ser *minha* a minha *doutrina*?⁹⁵ Na verdade, isso acontece quando a *minha doutrina não é fundada na minha opinião pessoal*, mas na *verdade*. Desta sorte, podemos dizer de Tomás que, ele – tal como o Batista – desapareceu em sua obra, e fez isto exatamente para que a verdade aparecesse.⁹⁶ Também ele – como seu Senhor – passou por uma espécie de *kénosis*.⁹⁷

No entanto, é precisamente quando desaparece que a sua personalidade se transparece com maior fulgor diante de nós. Desta feita, no segredo das páginas a princípio tão impessoais da *Suma Teológica*, podemos, em verdade, vislumbrar a presença de um espírito humano querendo encontrar a verdade e se calar para dar voz ao ser; que se diminui, para que a

⁹³ TOMÁS DE AQUINO. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 34.

⁹⁴ Jo 7, 16.

⁹⁵ AGOSTINHO. **Commento Al Vangelo Di San Giovanni**. 29, 3. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm>>. Acesso em: 17/07/2006: “Cosa rispose il Signore a coloro che, stupiti, dicevano: Come mai costui conosce le lettere senza averle imparate? *La mia dottrina - rispose - non è mia, ma di colui che mi ha mandato* (Gv 7, 16). Ecco la prima profonda verità. Sembra che in queste poche parole si contraddica. Non dice infatti: Questa dottrina non è mia; ma dice: *La mia dottrina non è mia*. Se non è tua, come può esser tua? Se è tua, come può non esser tua? Tu dici ad un tempo *mia* e *non mia*. (...)”.

⁹⁶ Jo 3, 20: “Importa que ele cresça e que eu diminua.” Avaliamos que este “ideal de vida” aplica-se bem ao magistério do Aquinatense. Numa frase, que só aparentemente se mostra inócua, Joseph Nicolas salienta a simplicidade com a qual Tomás sai de cena, uma vez tendo feito com que seu aluno se tenha encontrado com a verdade: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 68: “Por isso, ele importa menos que aquilo que nos fez ver. Tendo-nos levado à realidade, deixa-nos com ela.”

⁹⁷ Foi o termo grego usado por Paulo na *Epístola aos Filipenses* para expressar o despojamento do Filho de Deus ao se encarnar: Fl 2, 6-7: “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens.”

verdade cresça.⁹⁸ Sua filosofia assim se define como uma verdadeira filosofia do ser e não do mero parecer.⁹⁹

Ninguém melhor que Gilson, no seu clássico estudo sobre o tomismo, para nos desvendar esta personalidade “impessoal” de Tomás de Aquino em sua obra. Com efeito, como o conhecimento é sempre uma assimilação, no sentido de que nos tornamos, *intencionalmente*, aquilo que conhecemos¹⁰⁰, assim, toda *transmissão do conhecimento*, torna-se, de algum modo, um dar-se a si mesmo, uma abertura para o outro. Desta forma, com relação à *Summae Theologiae*, melhor que compará-la às grandes catedrais, é dizer que nela se encontra a vida interior de um homem em doação.¹⁰¹

5. Tudo o que escrevi é palha

Ora bem, conquanto a nossa abordagem se pretenda filosófica, pensamos que, postos estes fundamentos, também a teologia seja enriquecida. Com efeito, é conhecida a sentença de Lutero na qual declara que a *Epístola de São Tiago* é uma *Epístola de Palha*.¹⁰² Frei Martinho disse isso, porque tal epístola não se adequara às suas convicções pessoais a respeito da salvação pela fé.

⁹⁸ RASSAM, Joseph. **Tomás de Aquino**. In: SILVEIRA, Sidney. **Santo Agostinho e o Mal como Privação dos Bens Naturais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. Nota 46: “Se tivermos que caracterizar numa palavra a filosofia de Santo Tomás, podemos dizer que, para ele, o objeto do discurso metafísico é *recolher através do pensamento aquilo que as coisas dizem pelo simples fato de existir*.” (O itálico é nosso).

⁹⁹ JOÃO PAULO II. *Op. Cit.* IV, 2, #44: “A sua filosofia é verdadeiramente uma filosofia do ser, e não do simples parecer.”

¹⁰⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 1, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 149: “Pois todo conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida (...)”.

¹⁰¹ GILSON, Etienne. **Le Thomisme**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique C. de Lima Vaz et al. São Paulo: Loyola, 2001. p. 68: “Não se deve crer que o sábio ordenamento da *Suma Teológica* e o progresso contínuo da razão que constroem pedra por pedra esse imenso edifício são, em Sto. Tomás, produtos de uma atividade superficial sob a qual um pensamento mais rico, mais profundo e mais religioso circula livremente. A vida interior de Sto. Tomás, assim como o segredo de uma personalidade tão forte pode nos ser revelado; parece ter sido, precisamente, o que devia ser para expressar-se em tal doutrina. Nada mais procurado nem que suponha uma vontade mais ardente, que essas demonstrações feitas de idéias exatamente definidas, engastadas em fórmulas de uma precisão perfeita, ordenadas em seu desenvolvimento rigorosamente equilibrado. Tal mestria na expressão e na organização das idéias filosóficas não se obtém sem um *dom total de si*; a *Suma Teológica*, com sua limpidez abstrata e sua transparência impessoal, cristalizada sob nossos olhos e como que fixada para a eternidade, é a própria vida interior de Sto. Tomás de Aquino.”

¹⁰² Esta sentença de Lutero encontra-se na introdução do seu comentário ao Novo Testamento.

Bem diferente, porém, foi a atitude de Frei Tomás de Aquino. Já no fim da sua vida, enquanto celebrava a *Eucaristia* na *Festa de São Nicolau*, teve um *êxtase* e desde então não foi capaz de escrever mais nada. Confidenciou, pois, ao seu dileto discípulo, Frei Reginaldo Piperno, que não escreveria mais nada, porque tudo o que havia escrito lhe parecia *palha* ante aquilo que havia visto.¹⁰³ Deveras, não se tratava de renegar o valor da sua obra, mas de reconhecer que o caminho permanece sempre aberto para novos avanços e que o conhecimento humano, conquanto certo, nunca é exaustivo; conquanto atinja a essência da coisa, todavia não a exaure.¹⁰⁴

6. Tudo submeto ao juízo da Santa Igreja Romana

Tomás, já moribundo, declara com respeito ao que havia escrito e ensinado sobre a *Eucaristia*, que tudo submetia ao juízo da *Santa Igreja Católica Romana*. Ora, isto nos faz perceber com maior nitidez que o sistema tomasiano é acima de tudo um *sistema aberto*, visto que, quem se submete, permite deixar-se corrigir e abre espaço para juízos críticos, para novas perspectivas.¹⁰⁵ Aberto, pois, como o espírito humano, assim era Tomás. Espírito, pois, que o próprio definira como sendo, de algum modo, todas as coisas. Aberto, por natureza, a tudo o que é.¹⁰⁶

¹⁰³ Testemunho de Bartolomeu de Cápua no processo de canonização em Nápoles, em M.- H. Laurent (ed.), **Fontes Vitae Sancti Thomae Aquinatis** (Saint – Maximin, 1934), fasc 4, n° 79, p. 376- 379. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. Op. Cit. São Paulo: EDUSC, 1992. p. 56. “Não posso mais; tudo o que escrevi me parece palha em comparação com o que vi (...)”.

¹⁰⁴ LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento – Um Estudo Introdutório Geral (e à Questão “Sobre o Verbo”)**. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 4. “Como encerrar num sistema compacto, num “ismo”, uma filosofia que, como veremos no tópico 4, se declara essencialmente “negativa” e afirma que ‘as essências das coisas nos são desconhecidas’? (*De Veritate* 10, 1). Se uma sentença como esta nos surpreende é sinal de que estamos precisando voltar-nos mais para Tomás e menos para o ‘tomismo’...”. (O itálico é nosso).

¹⁰⁵ GUILHERME DE TOCCO. **Vita Sancti Thomae de Aquinatis**. c. 58, p. 132. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992. p. 58: “Recebo-te, preço da minha salvação; por teu amor estudei, vigiei, trabalhei; submeto ao julgamento da Santa Igreja tudo o que ensinei sobre o Sacramento do Corpo de Cristo e os outros sacramentos.”

¹⁰⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Verdade**. I, 1, C, In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 147: “(...) O outro caso é segundo o ‘ajustar-se’ (convenire) de um ente a outro e isto só pode ser considerando alguma coisa que por sua natureza seja apta a ir ao encontro (convenire) de todo ente: e é precisamente a alma, a qual ‘de certo modo é todas as coisas’, como se diz em III *De Anima*.”

7. O futuro do pensamento tomásico

Jacques Maritain não gostava do termo “filosofia tomista”. A ele parecia por demais inadequado nomear um sistema filosófico, disposto sempre a renovar, por uma designação de cunho *teológico-dogmático* tão acentuado como *tomismo*.¹⁰⁷ Por isso, segundo ele, melhor seria chamar a filosofia de Tomás de *filosofia do ser* ou *ontosofia*. Ela está aí, pois, não como meros destroços *arqueológicos*, mas como um corpo vivo, de princípios vitais, que pode realmente ajudar-nos a encontrar soluções para as perplexidades dos nossos dias. Chamemo-la, pois, então, de *tomismo vivo*:¹⁰⁸

Dever-se-á buscar, neste *tomismo vivo*, um estilo que não jure fidelidade a nenhum dos *formuladores* ou *comentadores do tomismo*, e nem mesmo ao próprio Tomás enquanto tal, mas à verdade tão-somente. Buscar-se-á, ademais, neste *tomismo vital*, o verdadeiro discípulo de Tomás: alguém a quem importe somente a verdade e apenas com ela se entretenha. De fato, ao sábio hodierno que se inspirar em Tomás, cuidará, pois, seguir as suas pegadas, também sendo aberto a todo contributo que possa haver ao seu redor para o empório da verdade.

Neste sentido, deve o sábio coevo, estar atento mesmo aos sistemas e doutrinas filosóficas, que, inobstante carregadas com seus vícios, tenham alguma contribuição a oferecer ao depósito da verdade.¹⁰⁹ Doravante, o tomismo se apresentará como uma sabedoria em movimento: viva e vital. Tal sabedoria estará sempre se desenvolvendo; sempiterna,

¹⁰⁷ Como adverte o professor Lauand, dogmas caem bem somente para as verdades de fé, mas não para a filosofia: LAUAND, Luiz Jean. **A Filosofia da Educação no Novo Catecismo Católico**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006: “Na verdade, a Igreja deixa em aberto também a opção por sistemas filosóficos (desde que não contradigam sua doutrina): *dogmas, só os há para verdades de fé e não para filosofias*.” (O itálico é nosso).

¹⁰⁸ GALEAZZI, Giancarlo. **Introdução**. In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos**. Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999. p. 11 e 12: “Acrescentemos que a expressão ‘filosofia tomista’, para Maritain, não parece ser muito adequada por diversas razões: ‘com certeza seria muito desgostoso para Santo Tomás’; ‘não convém indicar uma doutrina filosófica com o nome de um teólogo’; mesmo sendo ‘o nome do maior dos pensadores’, porque a filosofia perene, ‘deve renovar-se de geração em geração, de século em século e nutrir-se de todo passado para prosseguir constantemente além do passado’. Portanto, mais que tomismo, conveniente seria falar de ‘filosofia do ser, analogicidade do ser ou ontosofia’. Maritain busca ser muito preciso para esclarecer que o seu tomismo é ‘um tomismo vivo e não um tomismo arqueológico’; trata-se, precisa Maritain, de entendê-lo como uma concepção que ‘oferece uma resposta aos problemas da idade moderna na ordem do especulativo e prático’; que ‘tem uma virtude formativa e libertadora quanto às aspirações e às inquietudes do tempo presente’.

¹⁰⁹ PAULO VI. **Lumen Ecclesiae**. In: MOURA, Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990. p. 11: “Ele (Tomás) mostra-se certamente aberto a todos os contributos da verdade que lhe provêm de qualquer fonte de pensamento. Este é o primeiro aspecto do seu universalismo. Mas, é também verdade e talvez o mais original de sua personalidade, este outro aspecto: a liberdade soberana com que ele se aproximou de todos, sem, contudo, se tornar escravo de nenhuma afirmação de autoridade terrena.”

porque procede de princípios imutáveis, mas coetânea, porquanto sabe se renovar, tocar os problemas do tempo presente e progredir linearmente, sem esfacelar-se, com a história. Assim a queria Tomás, assegura Maritain, a um só tempo: eviterna, porque fundada em princípios perenes, e contemporânea, porque estes mesmos princípios também são vivos, e a realidade aos quais eles se aplicam é inesgotável. O Aquinate fundou a sua filosofia no ser, na cuidadosa observação do real que não se esgota¹¹⁰. Sobre o sistema tomasiano, declina Maritain:

Não é um sistema fechado, é uma sabedoria essencialmente aberta e sem fronteiras, pela razão de ser uma doutrina em movimento e em desenvolvimento vital. Ele está aberto aos novos problemas e novas verdades que a evolução da cultura e das ciências permitem-lhe colocar em destaque. Ele está aberto às contribuições das novas filosofias que surgem em todas as épocas e às novas verdades, sejam estas mesmo viciadas de erros trazidos por aquelas filosofias. (...) A doutrina de Santo Tomás é uma doutrina ilimitadamente progressiva, uma doutrina livre de tudo, salvo da verdade, livre com respeito a si mesma e às próprias imperfeições a serem corrigidas, aos defeitos a serem preenchidos, livre com relação aos seus formuladores e comentadores, ao próprio mestre que a instituiu. Livre de tudo aquilo que não seja ela mesma; vista em sua natureza, a filosofia tomista tem a conduta e o movimento próprios de toda filosofia: um comportamento e um movimento de plena liberdade diante do real. O filósofo, não jura fidelidade a ninguém, nem a nenhuma escola, mesmo sendo tomista, nem mesmo à palavra de Santo Tomás e a todos os artigos de seus ensinamentos.¹¹¹

Portanto, fidelidade verdadeira, filial e espiritual tem aquele que segue Tomás: não necessariamente na materialidade do seu texto, mas no espírito da sua filosofia. De modo que, para ser tomásico, não basta seguir o mestre em toda matéria que ensinou, mas nos *princípios fundantes* de sua filosofia, na forma com que filosofou. Deveras, possuir a ciência do mestre

¹¹⁰ PAULO VI. **Lumen Ecclesiae**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981. p. 19: “No Tomismo, encontra-se, por assim dizer, um Evangelho natural, um fundamento incomparavelmente sólido para todas as construções científicas, porque a característica do Tomismo é de ser, antes tudo, objetivo. As suas construções ou elevações do espírito não são simplesmente abstratas, mas são construções do espírito que responde ao convite real das coisas (...) Jamais será posto em questão o valor da doutrina tomista, porque seria necessário que fosse posto em questão o valor das coisas.” A primeira vista, os termos usados na citação – Evangelho Natural, caráter inquestionável – parecem entrar em contradição com o que dissemos acima: em filosofia não há dogmas! No entanto, a contradição é só aparente. Na verdade, o que o Papa quer ressaltar é uma única coisa: Tomás só se submetia à verdade. Em filosofia, para ele, só havia um dogma, uma única coisa a qual se rendia sempre: o ser, o que existe, o real no seu âmago.

¹¹¹ MARITAIN, Jacques. **II Contadino**. In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos**. Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999. p. 13 e 14.

é, decerto, aprendizado mui imprescindível. Contudo, parar nisso é repetir-se, e, para um pensador, a pequenar-se.

De forma que, urge tomar as verdades que Tomás alcançou: não como conclusões, mas como premissas para dirimir dúvidas, procurar sanar males e transformar os cataclismos da nossa história atual. Onde, a capacidade de discordar de Tomás num determinado ponto, quando isto significar manter-se fiel à verdade e à coerência que o próprio Tomás quis dar ao seu sistema, tornar-se a sã ousadia dos seus legítimos seguidores na atualidade¹¹². De resto, o próprio espírito que anima a sua filosofia inspira-nos a isso:

Fidelidade espiritual e filial que, em seus princípios ativamente meditados, reagrupados e coordenados, incita a buscar o meio de descobrir e inventar a solução dos problemas novos que se propõem em nossos dias e isso, com a ajuda do esforço original do espírito.¹¹³

¹¹² Audácia herdada, diga-se de passagem, do próprio Mestre. Como acentua Copleston a respeito da opção de Tomás pelo aristotelismo, tal atitude foi não só muito inovadora para a sua época, como foi ela, justamente, que colocou o Aquinate como um renovador e reformador do seu tempo: COPLESTON. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981. nota 22: “Quando se olha retrospectivamente para o século XIII, nem sempre se reconhece o fato de que S. Tomás tenha sido um inovador, que a sua adoção do Aristotelismo tenha sido *audaciosa* e *moderna*. (...)”. (O itálico é nosso). Fraile frisa este aspecto, ao dizer que o trato que Tomás deu à *Metafísica* de Aristóteles foi tal que, muitas vezes, chegou mesmo a transfigurá-la numa nova criação, totalmente original. De fato, o Aquinate viu nos princípios estabelecidos pelo Estagirita um alcance muito maior do que o próprio Aristóteles pôde ver. De maneira que, aquilo que, em Aristóteles, estava presente apenas implicitamente, no sistema tomasiano encontra-se explicitamente: Guilherme Fraile. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981. nota 22: “Seu (de S. Tomás) Aristotelismo não é puro, mas depurado. A elaboração a que submete este equivale, em muitos casos, a uma verdadeira criação (...) S. Tomás leva os princípios aristotélicos muito mais além do que o têm o próprio Aristóteles. Aquilo que no Estagirita era um germe magnífico ou um caminho cheio de promessas, se converte, em S. Tomás, em esplêndida realidade, muito superior ao que de si dá a letra do Peripatetismo.”

¹¹³ MARITAIN, Jacques. **Da Bergson a Tommaso d’Aquino**. In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos**. Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999. p. 15.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. **Commento Al Vangelo Di San Giovanni**. 29, 3. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm>>. Acesso em: 11/08/2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Estêvão Bittencourt et al. Rev. Ivo Storniolo São Paulo: PAULUS, 2002.

CAPUA, Bartolomeu. **Testemunho no processo de canonização em Nápoles**, em M.- H. Laurent (ed.), **Fontes Vitae Sancti Thomae Aquinatis** (Saint – Maximin, 1934), fasc 4, n° 79, p. 376- 379. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

COPLESTON. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

DENZINGER. In: **Catecismo da Igreja Católica**. 11ª ed. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2001.

FRANCA, Leonel. **Porque Existem Homens que não Crêem em Deus**. São Paulo: Mundo Cultural, 1979.

FRAILE, Guilherme. **Historia de la Filosofia**. In: MOURA, Odilão. **Introdução a O Ente e a Essência**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

GALEAZZI, Giancarlo. **Introdução**. In: Jacques Maritain. **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos**. Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999.

GARDEIL, H.D. **Introdução à Filosofia de Santo Tomás de Aquino**. Disponível: <<http://www.microbookstudio.com/gardeilfilosofiatomasaquino.htm>> Acesso em: 3/07/2005.

GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1960.

_____. **Deus e a Filosofia**. Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Le Thomisme.** In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica.** Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento – Um Estudo Introdutório Geral (e à Questão “Sobre o Verbo”).** In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento.** Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Filosofia da Educação no Novo Catecismo Católico.** In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino.** São Paulo: ESDC, 2006.

MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica.** Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARITAIN, Jacques. **Da Bergson a Tommaso d’Aquino.** In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos.** Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. **Elementos de Filosofia 1: Introdução Geral à Filosofia.** 18ª ed. Trad. Ilza Das Neves e Heloísa de Oliveira Penteadó. Rev. Irineu Da Cruz Guimarães. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

_____. **Grandeza e Miséria da Metafísica.** Disponível em: <<http://revista.permanencia.org.br/>>. Acesso em: 29/01/2005.

_____. **Il Contadino.** In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos.** Trad. Gemma. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. **Ricordi e Appunti.** In: **Por um Humanismo Cristão: Textos Seletos.** São Paulo: PAULUS, 1999.

NEWMAN. **Histoire de mes Opinions Religieuses.** In: FRANCA, Leonel. **Por Que Existem Homens que Não Crêem em Deus.** São Paulo: Mundo Cultural, 1979.

PAULO VI. **Lumen Ecclesiae.** In: MOURA, Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios.** Porto Alegre: Sulina, 1990.

PAULO II, João. **Fides et Ratio.** 8º ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

RASSAM, Joseph. **Tomás de Aquino**. In: SILVEIRA, Sidney. **Santo Agostinho e o Mal como Privação dos Bens Naturais**. 2º ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

SERTILLAGENS. **Les Grandes Thèses de lha Philosophie Thomiste**. MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990.

REALI, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

TOCCO, Guilherme de. **Vita Sancti Thomae de Aquinatis**. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

TOMÁS DE AQUINO, Santo **A Unidade do Intelecto Contra os Averroístas**. Trad. Mário Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **Comentário à Metafísica de Aristóteles**. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>>. Acesso em: 09/03/2007

_____. **Compêndio de Teologia**. 2ª ed. Trad. D. Odilão Moura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **Comentário ao Tratado do Céu**. In: NASCIMENTO, Carlos Arthur R. de. **O Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992.

_____. **Carta Sobre o Modo de Estudar**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**: Trad. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Ética**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **In. Trin.** In: LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Verdade e Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Metafísica**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Questões Disputadas Sobre a Verdade** In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Quodlibet**. In: MOURA, D. Odilão. **Introdução à Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Sulina, 1990.

_____. **Quodlibet**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Suma Teológica**. In: MARIE, Joseph Nicolas. **Introdução À Suma Teológica**. Trad. Henrique Lima Vaz et al. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.